

 <https://doi.org/10.47456/simbitica.v11i1.44751>

Apresentação

Enodamentos entre pathos, cultura e poder

Entanglements between pathos, culture, and power

Enredos entre pathos, cultura y poder

Marcia Barros Ferreira Rodrigues

Universidade Federal do Espírito Santo

Lohaine Jardim Barbosa

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo O presente artigo problematiza as possibilidades de diálogos e intersecções entre os campos da narrativa Histórico-Sociológica, da Literatura e da Psicanálise. O ponto de intersecção é a escuta das possibilidades de laços sociais na *Pólis*. Propomos a discutir as relações entre as violências ao feminino, poder e subjetividade. Concluimos que o corpo, está longe de ser um dado da natureza, nem tampouco um ente individualizado, mas é moldado pela cultura, e o fazer-ser social. O corpo comporta diferentes concepções, formas de gestão e modos de performance e encenação. Apontamos para o mal-estar contemporâneo e o que a psicanálise tem a dizer num diálogo com as ciências humanas.

Palavras-Chave: *pathos*, cultura, poder.



Abstract The present article problematizes the possibilities of dialogues and intersections between the fields of historical-sociological narrative, literature, and psychoanalysis. The point of intersection is the listening to the possibilities of social bonds in the *Polis*. We propose to discuss the relationships between violence against femininity, power, and subjectivity. We conclude that the body is far from being a given of nature, nor an individualized entity, but is shaped by culture and the social making-being. The body encompasses different conceptions, forms of management, and modes of performance and staging. We point to the female body not as a cause, but rather as a result of unequal power relations.

Keywords: feminine, *pathos*, culture.

Resumen El presente artículo problematiza las posibilidades de diálogos e intersecciones entre los campos de la narrativa histórico-sociológica, la literatura y el psicoanálisis. El punto de intersección es la escucha de las posibilidades de vínculos sociales en la *Polis*. Proponemos discutir las relaciones entre las violencias hacia la feminidad, el poder y la subjetividad. Concluimos que el cuerpo está lejos de ser un dato de la naturaleza, ni tampoco un ente individualizado, sino que es moldeado por la cultura y la construcción social del ser. El cuerpo abarca diferentes concepciones, formas de gestión y modos de actuación y representación. Señalamos al cuerpo femenino no como causa, sino como resultado de las relaciones desiguales de poder.

Palabras-clave: femenina, *pathos*, cultura.

Recebido em 20-03-2024

Aceito para publicação em 27-04-2024

*“Écrire un livre est un suicide recommençable.
Um livre a tout du suicide, sauf la fin”.*
Cixous, 1991:254

Introdução

O presente artigo¹ problematiza as possibilidades de diálogos e intersecções entre os campos da narrativa Histórico-Sociológica, da Literatura e da Psicanálise. O ponto de intersecção é a escuta das possibilidades de laços sociais na *Pólis*. A justificativa da inserção da Psicanálise está na reflexão a partir do que Lacan denominou de psicanálise em extensão. Ou seja, os efeitos do saber psicanalítico nas outras áreas do conhecimento. Para tal, convocamos Roudinesco (2000), quando adverte que “a Psicanálise pode ser considerada em vários sentidos. Como método interpretativo do discurso, forma de tratamento terapêutico, como teoria do comportamento humano e, ainda, como sistema de pensamento”.

Desta feita, o que apresentamos compreende que o saber psicanalítico embora seja forjado e direcionado para a clínica, comporta uma concepção de mundo que dialoga com outros saberes. O objetivo geral é analisar os processos de subjetivação contemporâneos atravessados pela política econômica do capitalismo em curso por meio do paradigma estético expressivo que hospeda vários saberes como nos instiga a pensar Santiago (2020).

A narrativa histórica e literária no dizer de Ginzburg (2002) traz potencialidades para a intersecção proposta entre a narrativa Histórica, Sociológica, Literária e da Psicanálise. Ou seja, as potencialidades cognitivas de qualquer narrativa (...) deve ser estendida a qualquer uma das formas de historiografia, inclusive as mais analíticas. No sentido dessas aproximações teóricas e metodológicas formulamos os seguintes problemas de pesquisa: Como a Sociologia, a História, a Literatura e a Psicanálise podem ser entrelaçadas? Como o texto literário pode ser utilizado como objeto de pesquisa e elemento poético e sensibilizador na dimensão subjetiva das relações sociais? Como tais diálogos-intersecções podem contribuir para o estudo das identidades?

Como desejavam Michelet, Bloch, Febvre, Elias e Hochschild, entre outros, não deveríamos retirar da ciência, da história e da sociologia a sua parcela de poesia, de sensibilidade e de subjetividade. Por outro lado, entendemos que destacar essa via por meio da articulação entre Psicanálise e Arte pode ser propiciadora tanto de avanços quanto de desvios significativos na orientação originalmente impressa por Freud para a práxis psicanalítica. Desta feita, o presente artigo apresenta reflexões e alguns balizamentos.

O tema da pesquisa inscreve-se no âmbito das discussões sobre vulnerabilidade psíquica, poder e teoria política. Nosso propósito é apresentar um conjunto de reflexões acerca do sofrimento psíquico contemporâneo e apresentar possibilidades críticas que acene para a potência criativa. O foco da análise propõe uma discussão sobre as relações entre violência, feminino, poder e subjetividade.

¹Este projeto de pesquisa está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFES/PGCS, ao Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciarias (NEI/UFES) e a AUPPF- Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental.

A inspiração que nos anima é metapsicologia e parte da descoberta do inconsciente freudiano como manifestação do *pathos* que surge da violência primordial. Nossa abordagem parte da perspectiva filogenética psicopatológica da humanidade cunhada por Freud e que tem influência de longa duração na Psicopatologia e, particularmente, na Psicopatologia Fundamental, como informa Berlinck (2000).

Nossa análise se inscreve no campo e estudos da Psicopatologia Fundamental sem, no entanto, fundamentar-se na clínica e na experiência psicoterapêutica. Trataremos o tema proposto numa interpretação norteada pelas ciências sociais, em particular a teoria política, informada pela psicanálise e pela psicopatologia fundamental.

Nossa contribuição é no sentido da constituição de uma experiência, um discurso compartilhado a respeito do *pathos* (sofrimento, paixão, passividade), que designa o que é vivido; um discurso sobre o afeto²; uma paixão vivida pela experiência. Entendemos a relação entre *pathos* e cultura como constituinte da subjetividade humana, expressão de uma história singular e coletiva simultaneamente atravessada por relações de poder.

Buscamos apresentar reflexões que possibilitem não só a crítica, mas fundamentalmente uma proposta de inovação na interpretação da complexa e conflituosa relação entre *pathos* e poder na cultura brasileira. Dessa forma, as relações entre cultura, *pathos*, ideologia e inconsciente, articulam-se à análise sociológica e a perspectiva psicopatológica. O paradigma indiciário³ torna possível nosso objetivo maior que é analisar os processos de subjetivação contemporâneos atravessados pela política econômica do capitalismo em curso por meio do paradigma estético expressivo que hospeda vários saberes

O foco da análise propõe uma discussão sobre as relações entre as violências ao feminino, poder e subjetividade. Trataremos o tema proposto numa interpretação norteada pelas Ciências Humanas, em particular pela História Política, informada pela Psicanálise.

Nossa contribuição visa à constituição de uma experiência, um discurso compartilhado a respeito do *pathos* (sofrimento, paixão, passividade), que designa o que é vivido; um discurso sobre o afeto⁴; uma paixão vivida pela experiência. Entendemos a relação entre *pathos* e cultura como constituinte da subjetividade humana, expressão de uma história singular e coletiva simultaneamente atravessada por relações de poder.

² Afeto não deve ser confundido com emoção. O afeto contém a emoção, mas não se reduz a ela. O afeto é uma força, é uma paixão intensamente excessiva. Podemos dizer que o *pathos* é um “*afetão*”, ou seja, aquilo que atinge e modifica o sujeito. Conferir “*Problemas e Perspectivas no Ensino e Pesquisa em Psicopatologia*”. Palestra proferida pelo Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck na UFF, em 18/05/05.

³ Entendemos o sentido do Paradigma Indiciário menos como um acúmulo de indícios e mais como a eleição de alguns indícios para uma análise exaustiva. Ou seja, o sentido do paradigma indiciário não é a catalogação de indícios, mas escolha de um super sintoma, ou super indício em torno de um significante mestre.

⁴ Afeto não deve ser confundido com emoção. O afeto contém a emoção, mas não se reduz a ela. O afeto é uma força, é uma paixão intensamente excessiva. Podemos dizer que o *pathos* é um “*afetão*”, ou seja, aquilo que atinge e modifica o sujeito. Conferir “*Problemas e Perspectivas no Ensino e Pesquisa em Psicopatologia*”. Palestra proferida pelo Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck na UFF, em 18/05/05.

O Paradigma Indiciário como base para a análise interseccional

O Paradigma Indiciário⁵ aliado à análise literária possibilita ao objetivo maior de analisar os processos de subjetivação contemporâneos atravessados pela política econômica do capitalismo em curso por meio do paradigma estético expressivo. Essa vivência singular e socialmente performada engendra questões fundamentais que dizem respeito aos principais sintomas da sociedade brasileira: demarcada pelas modalidades de violências as quais são submetidas às meninas e mulheres cis e trans, culminando no aniquilamento de seu desejo, seus corpos e aquilo que representam: o feminino (Birman, 2014).

Desta forma, *pathos*, cultura e subjetividade se entrelaçam constituindo as bases da reprodução destas violências, e de uma espécie de “educação para o obscurantismo do corpo feminino”, reforçado por diversas práticas sociais, demarcadas e reforçadas, também, através de práticas religiosas. Por isso, se torna fundamental compreendermos os aspectos históricos, culturais e afetivos que conformam a constituição do corpo feminino, bem como, a construção social deste corpo nas sociedades capitalistas ocidentais, de forma a identificarmos como este é manejado a partir de práticas variadas.

Indo para além do corpo que temos e somos e compreendendo este corpo como o resultado de um corpo que fazemos e encenamos, ou seja, um corpo que se constitui no devir, num complexo estar sendo onde uma série de conflitos estão posto e participam desta constituição, ao passo que linhas de fuga, delineiam possibilidades de rupturas ao normalizado. Somos assim, seres fundantes na catástrofe: “O homem é, assim, um ser da catástrofe e é a partir dela, e de uma capacidade criativa que se transforma em repetição, que o ser humano é uma espécie psicopatológica” (Berlinck, 1999:12).

O feminino expresso em corpo, linhas e páginas

As violências sofridas pelas mulheres na contemporaneidade não se limitam apenas ao conceito de corpo e corporeidade descrita por Merleau-Ponty, compreende o corpo como o concreto da existência, como consciência encarnada, o corpo é inseparável do ser, é o veículo do ser no mundo, e encarna um conjunto de significações vividas no espaço e tempo.

Este corpo-ser manifesta sua essência mediante o corpo que vê e é visto, toca e é tocado, sente e é sentido, fala e é falado, pois é sensível (Merleau-Ponty, 1999). Logo, o feminino armazenaria na memória deste corpo, as marcas de violências históricas sofridas, expressas na corporeidade de um corpo silencioso, mudo e desconhecido para si, mas um mundo expresso através dos afetos. As obras trabalhadas para este artigo, apresentam possibilidades de inscrição do e no corpo, características deste feminino: corpos que se

⁵ Compreendendo o sentido do paradigma indiciário menos como um acúmulo de indícios e mais a eleição de alguns indícios para uma análise exaustiva.

inscrevem no um a um, em constituições rizomáticas e não-universalizantes (Deleuze & Guatarri, 1997).

Concluimos que o corpo, está longe de ser um dado da natureza, nem tampouco um ente individualizado, mas é moldado pela cultura, e o fazer-ser social. O corpo comporta diferentes concepções, formas de gestão e modos de performance e encenação.

Apontamos para o corpo feminino não como causa, mas sim como resultado das relações desiguais de poder: a reificação do corpo feminino que deve se submeter ao desejo masculino. Sendo assim, discutir a erupção do feminino e os atravessamentos da concepção de corpo entendido como discurso político, pressupõe um corpo afetado e e-feito de uma subjetividade política por onde podemos antevê a queda da ordem fálica dando passagem a feminização do mundo.

Nossa hipótese é que o medo dos homens da feminilidade faz sombras e encobrimentos do masculino como (porta) dor do feminino, sem o saber. Por estes caminhos de desvelamentos, nesta edição da Revista Simbiótica, pedimos passagem e junto com Hélène Cixous (2022), afirmamos: “O continente não é de um escuro impenetrável... Basta olhar a Medusa de frente para vê-la: ela não é mortal. Ela é bela, e ela ri”. E os convidamos a conhecer o Dossiê “Diálogo Ciências Sociais & Psicanálise: Fronteiras e Litorais no Mal-Estar Contemporâneo”.

O objetivo desse encontro de reflexões e experiências foi discutir os atravessamentos entre a Psicanálise e as Ciências Sociais, fazendo a palavra circular entre fronteiras e litorais que demarcam o mal-estar contemporâneo, provocando aberturas, criatividade, inventividades ao invés de fechamentos, polarizações e certezas. Para tal diálogo foram convocados os olhares e as escutas da Psicanálise, das Ciências Sociais e da Filosofia.

O presente dossiê acolheu reflexões sobre o *pathos* (sofrimento/paixão) humano a partir dos seguintes desafios: O que a Psicanálise ainda tem a dizer sobre o Mal-Estar? Quais as possibilidades de laço social no cenário atual? Como sustentar as diferenças frente aos modos de existência na era das plataformas digitais? Como o mal-estar se apresenta no discurso político do corpo afetado como e-feito? O que o paradigma estético expressivo tem a dizer sobre a inumanidade presente no humano? Foram algumas das perguntas basilares que nortearam os artigos aqui reunidos. E serviram de bases para provocações teóricas necessárias e urgentes para se pensar a sociedade contemporânea em suas múltiplas, complexas e intensas facetas.

Explorando os diversos matizes do mal-estar contemporâneo, os artigos reunidos neste dossiê promovem uma imersão profunda nas complexidades da psique humana em um mundo em constante mutação.

Iniciando com “Inumanidade no humano: sobre as oportunidades para a perversão”, de Gisálio Cerqueira Filho somos instigados a refletir sobre os momentos turbulentos desencadeados pela pandemia de COVID-19, destacando as contradições e ambivalências que permeiam nossa existência, a partir de textos-chaves da bibliografia de Freud, Gisálio nos provoca a pensar este momento que acarretou uma super-presença de emoções extravagantes e sentimentos intensos que nos trazem cenas de um momento histórico em

que o velho não morreu e o novo ainda não nasceu; atraindo novas questões implicadas na perversão

Essa atmosfera de transição é aprofundada no artigo “Metafísica da liberdade e melancolização como forma de gestão da subjetividade no neoliberalismo”, onde mergulhamos nas entranhas da racionalidade neoliberal e suas implicações na identidade e na liberdade individuais. Claudia Henshel de Lima (*et al.*) partir dos resultados de sua pesquisa sobre os processos psíquicos mobilizados na conformação da racionalidade neoliberal, mobiliza teóricos, do campo da filosofia política, que reconhecem uma racionalidade típica ao neoliberalismo, juntamente com a reflexão conduzida pela psicanálise, em torno do processo de identificação e de sua relevância para o entendimento da sujeição social, e busca responder à grande questão: “por que as reformas neoliberais antipopulares? Por que aderimos à ruína, ao desastre?” A fim de construir uma resposta possível, o artigo avança no sentido de localizar, na racionalidade neoliberal, uma metafísica da liberdade e o afeto da melancolização.

Aprofundando-se na interseção entre corpo e sintoma, “Que mal-estar é ISSO?” nos conduz por um trajeto teórico que revisita os fundamentos freudianos e lacanianos, desafiando os clínicos a repensarem o papel do sintoma analítico e o estatuto do corpo em uma era marcada por desafios inéditos. Neste artigo os psicanalistas Gesianni Gonçalves e Alexandre Simões, promovem uma discussão sobre o sintoma analítico e o estatuto do corpo na clínica laciana, por meio de uma revisão de literatura de textos basilares de Freud e Lacan. Destacando as pluralidades das incidências capazes de afetar um corpo, trazendo luz sobre a obscura expressão de Lacan: o acontecimento de corpo.

Já em “Sentidos de proximidade na relação de migrantes brasileiras e brasileiros mediados pelos smartphones”, somos convidados a explorar as fronteiras emocionais e afetivas dos migrantes em um contexto digital, revelando a complexa teia de conexões e identidades que surgem nesse novo ambiente. Ao refletir sobre o migrante do presente, afetado pelas novas tecnologias, Maria Cristina Dadalto, nos mostra como esta mediação exige um repensar do corpo e da tecnologia como fluxo e conexões que circulam com grande intensidade, mobilizando as emoções, desejos e aspirações dos migrantes

Em “Tecnopolíticas do ódio: estratégias utilizadas por grupos de WhatsApp conservadores e bolsonaristas nas eleições brasileiras de 2018 e 2022”, os pesquisadores Pablo Ornelas Rosa e Ramiro de Ornelas Rosa nos apresentam uma análise meticulosa do tecnoconservadorismo brasileiro, desvendando as intrincadas estratégias empregadas por grupos políticos nas plataformas digitais. A partir de uma investigação etnográfica realizada desde 2018 com grupos de WhatsApp bolsonaristas, os autores empreendem um debate sobre plataformização, colonialismo de dados e dataficação da vida, relacionando-as com o capitalismo de vigilância e capitalismo de plataforma, o que resultaria na composição de um diagrama do tecnoconservadorismo brasileiro. Na sequência, apresentam também algumas das estratégias que foram utilizadas e sua etnografia em grupos de WhatsApp que se reconhecem como conservadores e bolsonaristas durante as referidas eleições brasileiras (2018 e 2022), fornecendo importantes *insights* metodológicos para este tipo de pesquisa.

Trazendo como fechamento o texto “O *unheimlich* e o paradigma estético-político contemporâneo: metodologia e reflexões acerca das implicações inumanas da vida cotidiana”, Rodrigo Gonsalves investiga o *unheimlich*; sentimento presente no texto de Freud de 1919, a partir de interpretação feita por Lacan para desenvolver seu conceito de objeto a, defendendo o aspecto presente nesta investigação em um método possível para a psicanálise diante do sofrimento, de angústia e do mal-estar em situações de indeterminação.

A partir desta deixa lacaniana, o autor discute a experiência do sofrimento subjetivo, e defende a necessidade de radicalização do discurso analítico contemporâneo para permitir uma escuta acerca dos sussurros de Real, em prol de um aceno de transformação que não seja brutalmente recolocado sobre o sofredor. O autor defende a experiência de sofrimento subjetivo mesmo que recaia sob a singularidade de cada pessoa, precisa ser passível de ser escutada pelo analista, onde o “infamiliar” se faria crucial enquanto método possível numa análise.

Em conjunto, esses artigos lançam luz sobre os desafios e as oportunidades que permeiam nossa sociedade contemporânea, convidando-nos a uma reflexão profunda sobre o *pathos* contemporâneo e suas formas de apresentação do que podemos chamar de sintomas sociais.

Referências

- Berlink, Manoel. (2000). *Psicopatologia Fundamental*. São Paulo, Escuta.
- Berlink, Manoel Tosta. (1999). “Catástrofe e representação. Notas para uma teoria geral da Psicopatologia Fundamental”, *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 11, n. 1, pp. p.9-34.
- Birman, Joel. (2001). *Gramáticas do erotismo: a feminilidade e as suas formas de subjetivação e psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- Birman, Joel. (2014). *A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica*. Rio de Janeiro, BesrBolso.
- Cerqueira Filho, Gisálio. (2005). *Autoritarismo afetivo: a Prússia como sentimento*. São Paulo, Ed. Escuta.
- Chiziane, Paulina. (2021). *Nietzsche: uma história de poligamia*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Cixous, Hélène. (1991). *Lange ausecret*. Paris, Femmes.
- Cixous, Hélène. (2022). *O riso da Medusa*. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo.
- Cixous, Hélène. (1978). *Préparatifs de nocessau-delà de l’abîme*. Paris, Des Femmes.
- Deleuze, Gilles; Guattari, Felix. (1997). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro, Editora 34.
- Freud, Sigmund. ([1932]2013). *Conferência 33 – A feminilidade, Mãe menina mulher – nomes do feminino*. Revista da Escola Letra Freudiana, ano XXXII, n. 45. Rio de Janeiro, 7letras.
- Freud, Sigmund. ([1931]1996). “Sexualidade feminina”, in S. Freud, *O futuro de uma ilusão*, ESB, v. XXI, pp. 229-253.
- Ginzburg, Carlos. (2002). *Relações de força: história, retórica e prova*. São Paulo, Cia das Letras.
- Kehl, Maria Rita. (2008). *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro, Imago.
- Merleau-Pomty, Maurice. (1999). *Fenomenologia da percepção*. São Paulo, Martins Fontes.

- Rodrigues, Marcia B. F. (2009). “A fantasia na política: sofrimento e culpa na contingência imprevisível do desejo”. *Passagens*. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica, v. 1, n. 1, pp. 55-78.
- Roudinesco, Elisabeth. (2000). *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.
- Santiago, Silvano. (2020). *Fisiologia da Composição*, Recife, CEPE.
- Soler, Colette. (2005). *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro, J. Zahar.

Entrevista:

- Almeida, Djaimilia (2021). “Assombro e silêncio marcam ‘A visão das Plantas’, de Djaimilia Pereira de Almeida”. *Estadão Conteúdo*. aCritica 43, 13 de abril de 2021. [Consult. 27-04-2024]. Disponível em <https://www.acritica.net/editorias/cultura/assombro-e-silencio-marcam-a-visao-das-plantas-de-djaimilia-pereira-de/518817>

Marcia Barros Ferreira Rodrigues

 <https://orcid.org/0000-0002-6022-3041>
 <http://lattes.cnpq.br/1531744628299485>

Professora Titular do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias (NEI/UFES). Psicanalista. Atualmente é professora no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (UFES). É consultora na área de políticas públicas com ênfase em violência urbana e juventude e na área de prevenção e realização de diagnóstico sócio-criminal. E-mail: mbfrodrigues@gmail.com

Lohaine Jardim Barbosa

 <https://orcid.org/0000-0001-8900-884X>
 <http://lattes.cnpq.br/0001789710358050>

Cientista Social, mestre em Ciências Sociais e doutora em Geografia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). É psicanalista e doutoranda em Ciências Sociais (UFES). É fundadora do Laboratório Experimental de Psicanálise, Arte e Sociedade (LEPAS), ligado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciários (NEI/UFES). E-mail: lohainejardim.psi@gmail.com